Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

VITÓRIA DOS POVOS

A admissão da República Popular da China na ONU significou uma esplêndida vitória dos povos. Ao mesmo tempo, representou uma séria derrota para o imperialismo norte-americano e seus lacaios em todo o mundo. Desmoronou quase por completo a política de cerco e isolamento da China, arquitetada há mais de vinte anos e que vinha sendo aplicada tão cerradamente pelos governantes de Washington.

Ao aprovar, por esmagadora maioria, a proposta da República Popular da Albânia e de outras nações democráticas exigindo o pleno reconhecimento dos direitos da China Popular e a expulsão do bando de Chiang Kai-chek, suposto representante de Taiuan, a Assembléia das Nações Unidas apenas confirmou uma realidade que já não podia mais ser ocultada nem impedida. Os Estados Unidos não estavam mais em condições de manter ilegalmente seu lacaio no posto que pertencia à verdadeira China. E os povos não estão dispostos a sujeitar-se ao ditado norte-americano ou de qualquer outra potência. Essa é uma realidade que acabará se impondo cada dia mais em toda parte.

Agora, a nova China de Mao Tsetung ocupa seu legítimo lugar na ONU. Depois de sofrer toda sorte de agressões e chantagens dos imperialistas ianques, ela soube perseverar em sua resistência e jamais capitulou em sua política revolucionária e internacionalista. Tornou-se uma nação verdadeiramente livre, fortaleceu-se e grangeou a simpatia da imensa maioria dos povos do mundo. Pugnando por seus direitos soberanos, sempre sustentou firmemente a bandeira da igualdade entre tôdas as nações e o apoio à luta dos povos por sua soberania e independência.

Os imperialistas ianques, após terem, por tantos anos, conseguido impor sua política de fôrça e discriminação contra a China Popular, não quiseram se dar conta da nova realidade. Colheram por isso mais um fracasso. Como os mais ferozes inimigos da Humanidade, não pretendem, voluntariamente, renunciar aos seus projetos de expansão e guerra. Mas terão maiores dificuldades de levá-los adiante. Embora falem de negociações e entendimentos para a paz, na verdade insistem em executar seus planos sinistros. Tanto assim que incrementam suas fôrças de agressão, fazem manobras no sentido de separar a província de Taiuan da China e multiplicam as pressões sôbre seus sócios a fim de obterem maior apoio para suas aventuras.

Também o imperialismo japonês, parceiro dos Estados Unidos na política antichinesa, recebeu com a resolução da ONU um forte golpe em suas maquinações. Qual velho lôbo faminto, o militarismo nipônico ressurgido acalenta planos criminosos contra os povos asiáticos. Está fomentando novas intrigas para assenhorear-se de Taiuan em cumplicidade com os imperialistas ianques ou para substituí-los. Quer usar a ilha chinesa como trampolim para agredir os povos coreano e chinês. Êste é um sonho antigo e despudorado.

O povo brasileiro também saudou a vitória da entrada da China Popular na ONU como a vitória de seus sentimentos democráticos, pois sempre foi partidário da igualdade de direitos entre as nações, do respeito à soberania dos povos. Condenou a vergonhosa posição reacionária do representante da ditadura militar que votou na proposição norte-americana das "duas Chinas". Os governantes do Brasil se desmascararam ainda mais como lacaios do imperialismo norte-americano, que falam em política independente e defêsa da soberania nacional apenas como meio de engano. Por isso, tiveram de suportar mais esse malogro.

Com o reconhecimento dos direitos da República Popular da China na ONU, ganhou nôvo alento a luta dos povos contra o imperialismo norte-americano e os que com êle se acumpliciam. Avança irresistìvelmente a causa da emancipação e da liberdade. A vitória final é inevitável.

NESTE NÚMERO:

NOVAS LUTAS CAMPONESAS

Apesar da censura férrea, têm aumentado ùltimamente as notícias que dão conta das condições de miséria e opressão em que se acham as massas camponesas, bem como o seu estado de animo, seu inconformismo. Principalmente nas regiões do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Centro-Leste são cada dia maiores as informações sôbre o descontentamento dos lavradores pobres e dos peões. No entanto, nunca os militares no Poder fizeram tantas promessas e tanta propaganda de suas "realizações" em favor dos camponeses como agora. Mas nenhuma demagogia consegue matar a fome e liqüidar a exploração que existe no campo brasileiro.

Na zona de Caen, Estado da Bahia, o latifundiário Teócrito Calixto da Cunha cercou com arame farpado 36 mil metros quadrados de área do açude público de Rio do Peixe, construído pelo governo federal a partir de 1918. A benfeitoria era utilizada pelos moradores locais, que nao tem outra fonte de água perene. Esta fonte é ainda mais necessária nos períodos de estiagem. Diante da ação arbitrária do fazendeiro, os camponeses de Caen se reuniram e desmancharam a cerca, continuando a se servir da água do açude. Incontinenti, o delegado de polícia da zona, primo do fazendeiro, mandou prender o gado dos camponeses, encarcerou alguns dêles e praticou outras truculências para intimidá-los.

Em defesa de seus interêsses prejudicados, os camponeses enviaram um abaixo-assinado ao Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas (DNOCS) reclamando providências para a volta do açude à serventia pública. Em resposta à reclamação, o DNOCS nomeou uma comissão para verificar o que se passava e teve que concordar que o fazendeiro Teócrito da Cunha "é um déspota latifundiário que se aproveita da situação para adquirir por preços ínfimos as benfeitorias dos moradores posseiros, destruindo, assim, o povoado do Rio do Peixe, derrubando casas e cercas com seus tratores, obstruindo estradas públicas e servidões, e o que é mais grave, proibindo os moradores da região de se abastecer de água do açude e impedindo o acesso de seus animais. A aguada pública mais próxima dista 24 quilômetros, sendo impossível e impraticável o deslocamento de animais que necessitam de água para a sua sobrevivencia".

Isso é o que se contém no relatório da comissão do DNOCS. Apenas dá idéia do drama dos camponeses de Caen e de como são abusados os latifundiários.

Já em São Domingos do Capim, município do Baixo Tocantins, no Estado do Pará, ocorreu nôvo choque entre os camponeses e a polícia, a serviço, como sempre, dos grandes proprietários locais e do sul do país, que ali estão instalando imensas fazendas para a criação de gado e expulsando os antigos moradores. O choque se deu mais precisamente na Fazenda Paraporã onde, em julho, tinha havido tropelias das fôrças policiais contra os camponeses. Como se recorda, os soldados, munidos de mandados de segurança concedidos pela "Justiça" do Estado em favor dos pretensos proprietários das terras, queimaram várias casas, destruíram uma escola e enxotaram mais de 600 moradores dos locais em que viviam. Houve, porém, resistência dos camponeses, que possuíam títulos de propriedades das terras que ocupavam, sendo alguns desses títulos da época do Império. Por isso, não aceitaram passivamente o esbulho a que querem submetê-los. 50 dêles foram até a capital do Estado, Belém, a fim de defender seus direitos. A seguir, em outubro, num encontro entre os camponeses e os capangas da Fazenda Paraporã, morreu um empregado da fazenda.

Para vingar a morte dêsse capanga, dirigiu-se para a zona em litígio uma patrulha da polícia militar do Pará. Dispostos a preservar seus interêsses, os camponeses se armaram e esperaram, emboscados, a polícia. Como resultado da firme ação dos camponeses, foi morto um sargento patrulheiro e saiu ferido um soldado. Imediatamente partiu de Belém um destacamento policial com mais de 50 homens para reprimir a resistência dos camponeses, resgatar o corpo do sargento morto e lançar o terror contra a população local. Em face da superioridade dos efetivos policiais, os camponeses se internaram nas matas, levando suas armas e reclamando justiça.

As perseguições e as violências de que são vítimas os camponeses vêm provocando choques como esse em todo o país. No sul do Pará e no norte de Mato Grosso e de Goiás, onde os grileiros e especuladores de terras se lançam àvidamente à ocupação de terras que estão sendo de há muito trabalhadas pelos camponeses, êstes não têm outro recurso senão o das armas para proteger seus direitos e suas vidas. É o que agora está denunciando também o bispo da Prelazia de São Felix do Araguaia, dom Pedro Casaldiga.

A crescente resistência dos posseiros e demais camponeses, desmascara a demagogia da ditadura militar, que não passa de guardiã dos tubarões e latifundiários e inimiga dos camponeses e do povo. O exemplo dos camponeses de S. Domingos do Capim deve ser seguido, apoiado e multiplicado.

A PROPOSTA DA AP

A Ação Popular resolveu intitular-se Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil. Isto sucedeu em maio de 1971, numa reunião de sua Direção Central Ampliada. É o que nos informa o Comunicado distribuído a respeito. Nos Estatutos aprovados nessa reunião, a AP expõe seus objetivos e propõe ao Partido Comunista do Brasil e a outras organizações "verdadeiramente marxistas-leninistas" que encontrem, juntos, o caminho da construção de um "partido proletário inteiramente nôvo", apto a dirigir a revolução até a vitória. Para realçar suas intenções, a direção da AP afirma, no Comunicado, que "construir em nosso país um partido proletário à altura das exigências atuais da revolução sem levar em conta a contribuição que a nova Ação Popular Marxista-Leninista pode e deve dar, é (...) uma posição subjetiva e sectária, nociva aos interêsses da classe operária e do povo brasileiro".

Propostas dessa natureza sempre mereceram atento exame e debate do P.C. do Brasil. Aliás, êste é um dos problemas pelos quais mais se interessam os comunistas. Como se sabe, há quase meio século êles vem lutando para edificar justamente um partido desse tipo, realmente leninista, capaz de conduzir a revolução brasileira à vitória. Apesar das dificuldades e vicissitudes, jamais desistiram nem desistirão da nobre e decisiva tarefa. Ao contrário, à medida que o tempo passa e se aprofundam as crises em que estão mergulhados o imperialismo e o revisionismo contemporâneo, mais se lhes afigura importante e urgente colocar o Partido à altura de sua missão. Porque assim sempre o entenderam, é que os comunistas jamais aceitaram as teses liqüidacionistas do revisionismo nem quiseram dissolver sua tradicional organização revolucionária para fundí-la com qualquer outra corrente que se denominasse marxista-leninista. O conceito leninista de partido de nôvo tipo e sua necessidade jamais significaram para os comunistas o abandono de seu velho e glorioso Partido e sua substituição por algo sem caráter proletário, sem consistência ideológica, sem programa revolucionário, sem centralismo-democrático, como queriam Prestes e seus seguidores, os foquistas, os trotsquistas e outros grupos burgueses e pequeno-burgueses. Para os comunistas, a idéia leninista de partido de nôvo tipo impõe a rutura com todo tipo de oportunismo, a adoção de métodos e de um estilo de trabalho revolucionários, o esfôrço para assimilar o marxismo-leninismo e aplicá-lo à realidade concreta do país, em levantar bem alto a bandeira do internacionalismo proletário, etc.

Precisamente por se oporem às idéias liqüidacionistas dos mais variados matizes e às campanhas contra o Partido Comunista do Brasil, que eram propagadas e feitas pelos diferentes grupos chamados de esquerda que pululavam pelo país em conseqüência do surto revisionista de 1956, é que os marxistas-leninistas resolveram reorganizar o Partido Comunista do Brasil, em 1962. Quer dizer, no ano em que a AP aparecia como organização pequeno-burguesa reformista, o P.C. do Brasil rompia com os revisionistas de Prestes, combatia o revisionismo e o reformismo e, na verdade, enveredava no caminho para se transformar de fato num partido de nôvo tipo, leninista. Na Conferência de sua reorganização aprovou um Manifesto-Programa marxista-leninista e indicou a todos os comunistas a necessidade de um partido único da classe operária, esclarecendo, porém, que a base para se chegar à unidade dos comunistas seria a linha revolucionária do Partido e o seu fortalecimento.

A prática se encarregou de demonstrar o acêrto dessa resolução dos comunistas, em 1962. O P.C. do Brasil é hoje uma organização consolidada e que se desenvolve incessantemente. Nele se reintegraram muitos camaradas que haviam permanecido enganados no agrupamento revisionista de Prestes e ingressaram muitos camaradas que abraçaram o marxismo-leninismo vindos de outras organizações. De todas as fôrças revolucionárias que atuam no país, pode-se afirmar, sem falsa modestia, mas tambem sem presunção, que o P.C. do Brasil é o que está mais forte, não obstante reconhecer o muito que lhe falta para cumprir com êxito seus objetivos. Ao passo que todos os que, no movimento popular, negavam suas possibilidades, o caluniavam ou fingiam ignorá-lo, foram se desmoralizando ou perdendo terreno. Por exemplo, os revisionistas de Prestes estão cada vez mais desmascarados como agentes da burguesia no movimento operário. E os trotsquistas vão revelando sua verdadeira carantonha contra-revolucionária.

Os comunistas relacionaram-se com a AP após o golpe de 1964. Passaram a atuar juntos por alguns objetivos comuns. Procuraram conhecer melhor a trajetória da AP e o entendimento entre as duas organizações se estreitou. Quando, recentemente, souberam que militantes e dirigentes da AP evoluíam no sentido da aceitação das idéias marxistas-leninistas, saudaram jubilosos o fato. Viam nisto a confirmação do prestígio e da fôrça crescente do marxismo-leninismo, do avanço da revolução e da crise sem remédio das idéias revisionistas e foquistas. Os comunistas esperavam sinceramente que essa evolução não os conduzisse à formação de um nôvo partido marxista-leninista nem, muito menos, à pretensão de fundir o Partido Comunista do Brasil com outras organizações supostamente marxistas-leninistas num "partido inteiramente nôvo". Os comunistas sempre pensaram que os marxistas-leninistas deviam unir-se no Partido Comunista do Brasil existente e que a AP poderia ter um

(Continua na próxima página)

A proposta da AP (Conclusão)

importante papel e desempenhar na revolução brasileira se continuasse a ser uma organização democrática revolucionária.

Que motivos, porém, levaram os atuais dirigentes da AP a essa posição? Nos documentos citados não se encontra nenhum argumento válido que a justifique. O processo de conversão da AP não é esclarecido. Também não elucidam os fundamentos da autocrítica para a metamorfose. Tampouco apontam as razões porque o PC do Brasil não está em condições de preencher seu papel revolucionário nem lhe fazem qualquer crítica sôbre seus erros e debilidades. Enfim, não explicam as concepções que têm do partido "inteiramente novo" que propõem construir.

Então, por que a aparente incoerência de reconhecer a existência do P.C. do Brasil e, simultaneamente, adotar essas decisões?

Ao estudar atentamente o nôvo Programa Básico da AP constata-se que suas decisões decorrem de sérias incompreensões sôbre a época em que vivemos, sôbre a teoria da revolução ininterrupta, as etapas da revolução, seu caráter atual no Brasil e sôbre a concepção e o papel do partido proletário. O Programa Básico não contém uma exposição marxista-leninista dessas questões. Ao contrário, nele o marxismo-leninismo foi sacrificado em benefício das interpretações trotsquistas e pequeno-burguesas da realidade e da revolução. Tome-se, para exemplo, uma das partes essenciais da referida exposição, à página 9. Lá, dizem: "Na situação atual do mundo, a relação entre as condições objetivas e as condições subjetivas da revolução se coloca de uma forma nova (...) Com a existência do sistema imperialista mundial, a análise das premissas materiais da revolução socialista não deve ser abordada mais apenas do ponto de vista da economia mundial, pois já não existem economias nacionais isoladas (...) Dêste ponto de vista, pode-se afirmar que as condições objetivas fundamentais para a revolução proletária já estão dadas no sistema imperialista mundial considerado como um todo (...) o sistema já está maduro para a revolução.(...) Com a intervenção consciente do proletariado no processo histórico e com a possibilidade de generalizar as experiências mais avançadas acumuladas pelo proletariado internacional e contar com a sua ajuda, os fatores subjetivos adquiriram um papel ativo incomparavelmente maior e podem vencer dificuldades objetivas que seriam insuperáveis espontâneamente. Por êsses motivos, as condições decisivas passaram a ser as condições subjetivas". Por ora, basta citar essas opiniões para demonstrar que, apoiando-se nessa linha de raciocínio, dificilmente poderiam os atuais dirigentes da AP chegar a uma tese marxista-leninista sôbre o papel do partido proletário e a decisões justas.

Julgam por isso os comunistas, que tais opiniões são absurdas, idealistas e, elas sim, nocivas. Absurdas, porque a situação exige dos marxistas-leninistas, não a multiplicação voluntarista de partidos marxistas-leninistas e sim o fortalecimento do que já existe. Idealistas, porque não é apenas com bons desejos e mediante decretos que se construirá um partido puro, sem erros, sem defeitos. Deve-se ter em conta a realidade objetiva e ver o partido como um dado objetivo, com passado, presente e futuro. O P.C. do Brasil surgiu do movimento operário brasileiro. Tem procurado guardar a continuidade de sua missão, de sua história. Deu passos indiscutíveis para ligar o movimento operário com o socialismo, para integrar a teoria marxista-leninista com a prática da revolução brasileira. Vem se esforçando para cumprir seu papel revolucionário. É preciso, portanto, considerá-lo objetivamente, sem preconceitos e personalismos. Finalmente, são nocivas as decisões, porque alimentam a confusão política e ideológica favorável aos inimigos da revolução e tentam impedir, na prática, que o proletariado eleve sua autoridade política e venha a alcançar a hegemonia da luta revolucionária. Sem um estado-maior único, forte e coeso no comando dessa luta, a hegemonia jamais será conquistada.

Os militantes e dirigentes da AP, já convencidos da justeza do marxismo-leninismo, devem convir que os interêsses do proletariado e da revolução reclamam o fortalecimento do P.C. do Brasil para que êle se coloque à altura das exigências da revolução. De outro modo, só pode resultar sectarismo, enfraquecimento da causa. O processo de diferenciação e de reagrupamento das fôrças revolucionárias deve beneficiar e não prejudicar o verdadeiro partido marxista-leninista de nosso país, o Partido Comunista do Brasil.

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Tirana: Emissões de uma hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00 h - Ondas Curtas de 31 e 42 m

Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 h - Ondas Curtas de 31 e 49 m
- Às 7:00 h - Ondas Curtas de 25 e 31 m

Rádio Pequim: - Emissões de uma hora de duração:
- Às 19:00 h - Ondas Curtas de 30, 41 e 48 m
- Às 21:00 h - Ondas Curtas de 25, 30 e 47 m

MAGNÍFICA ASSEMBLÉIA REVOLUCIONÁRIA

AO VI CONGRESSO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

Prezados camaradas Enver Hodja e demais dirigentes do PTA.

Caros camaradas delegados.

Os comunistas brasileiros, com grande entusiasmo e imensa satisfação, saúdam o VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia e o 30º aniversário de sua fundação, acontecimentos marcantes na vida do povo albanês e no movimento comunista mundial. Nem a distância geográfica que nos separa dêsse glorioso país, nem o terror de uma ditadura militar-fascista que se abate sôbre o povo brasileiro, impedem que acompanhemos com enorme interêsse a magna assembléia dos marxistas-leninistas albaneses, expressão elevada do pensamento proletário, revolucionário e socialista dos dias atuais.

Vivemos uma época em que as vagas da tempestade revolucionária açoitam os mais diversos recantos da Terra. Estas vagas não cessam de crescer. Mesmo quando, momentâneamente, elas refluem, é para, logo em seguida, elevar-se mais alto ainda. São reflexos das contradições sociais que se aguçam e reclamam soluções radicais. Debate-se o sistema capitalista numa crise sem precedentes e não consegue superar suas dificuldade. O imperialismo norte-americano, a principal cidadela do capitalismo e o pior inimigo da Humanidade, está em profunda decomposição e vê-se acossado em tôda parte. O regime baseado na exploração do homem pelo homem exibe suas chagas e fraquezas. Empunha as armas mais terríveis para esmagar a revolução dos explorados e oprimidos, mas só colhe derrotas. Os povos, com decisão e destemor, assestam-lhe golpes contundentes. Cambaleia e agoniza o monstro imperialista.

Em seus estertores, o capitalismo, além de usar a violência, recorre também à ajuda dos revisionistas, reformistas e pseudo-revolucionários. Experimenta as táticas mais sutis e enganadoras para amainar a borrasca revolucionária e tentar salvar-se da derrocada final. Mas os povos não se deixam iludir. Os revisionistas contemporâneos, liderados pelos revisionistas soviéticos, entraram em crise. E se desmascaram cada vez mais todos os defensores do apodrecido regime capitalista.

É hora da revolução e não das reformas; da luta e não da conciliação; do combate sem quartel a todos os inimigos da Humanidade. É hora da união indestrutível dos povos contra o imperialismo, o revisionismo e a reação mundial!

O VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, neste clima de efervescência social — de guerras e revoluções, de gigantescos movimentos de massa, de repressões inauditas, de aguda luta ideológica — é uma luz norteadora para os povos. Indica que se deve persistir na revolução, não perder o rumo, marchar confiantemente ao encontro de um futuro radioso. Êsse Congresso, pelos temas que abordará e pelo prestígio de que desfruta o partido de vanguarda da classe operária albanesa, fiel intérprete da doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, é também, de certo modo, um congresso dos comunistas de todo o mundo.

Grande é a autoridade do Partido do Trabalho da Albânia no movimento comunista. Desempenha com honra e firmeza o papel de destacamento avançado da classe operária mundial. Salienta-se pela justeza das idéias que defende e aplica, pela correção de sua orientação política. A vida tem comprovado o acêrto de suas posições nos problemas mais complexos da construção do socialismo na Albânia e do movimento comunista internacional. A experiencia albanesa é rica de ensinamentos e seu estudo ajuda os revolucionários de todos os países.

Com espírito criador, o Partido do Trabalho da Albânia desenvolveu a doutrina do proletariado no terreno da teoria e da prática revolucionárias. Combatendo o revisionismo contemporâneo, adotou medidas sábias e multilaterais para evitar a restauração do capitalismo e assegurar o avanço ininterrupto da revolução socialista. Com tôda razão, os comunistas albaneses afirmam que o revisionismo não é inevitável nos países onde o proletariado triunfou, se o Partido sabe secar as fontes que o alimentam. Precisamente por isto, não cessam de combater o burocratismo e tomam medidas eficazes para colocar nas mãos da classe operária e dos trabalhadores o destino da nação e do socialismo. Compreendem que o partido é a organização dirigente e não o tutor das massas. Mais um brilhante testemunho da confiança do Partido do Trabalho da Albânia nas massas são as audaciosas propostas para a realização do nôvo Plano Qüinqüenal. Os camaradas albaneses, a par do desenvolvimento da economia, preocupam-se fundamentalmente com a formação do nôvo homem, livre de tôdas as mazelas da velha sociedade. Atacam os hábitos e os costumes atrasados, batem-se pela emancipação da mulher, condenam o conservadorismo e a rotina, procurando revolucionarizar inces-

(Continua na próxima página)

Magnífica Assembléia Revolucionária (Conclusão)

santemente a consciência das pessoas, fortalecer sua ideologia proletária.

Os grandes êxitos do povo albanês estão ligados estreitamente à correta orientação e à atividade do Partido do Trabalho da Albânia, nos seus 30 anos de luta heróica. Seus militantes e dirigentes têm revelado combatividade, dedicação ao trabalho, espírito criador, pertinácia e coragem — as melhores qualidades do povo albanês. À frente do Comitê Central, o camarada Enver Hodja tem dado provas de grande talento político, de domínio do marxismo-leninismo, de audácia revolucionária. Com sabedoria e prudencia, o camarada Enver Hodja lidera a transformação da velha Albânia num país socialista, avançado. Valiosa é a sua contribuição no desmascaramento do revisionismo contemporâneo e na busca de corretas soluções para a construção do socialismo. Êle é um dos chefes mais destacados do movimento comunista mundial.

O povo brasileiro, combatendo a odiosa opressão do imperialismo norte-americano e enfrentando a feroz ditadura militar, tem no exemplo revolucionário do povo e do Partido do Trabalho da Albânia, poderoso estímulo em sua luta. Ainda que o terror fascista impere em nosso país, os operários, os camponeses, os estudantes e a intelectualidade progressista não dão tréguas ao inimigo, não vacilam em derramar seu sangue nem temem as torturas e a prisão. Os comunistas ocupam seu posto de combate, desfraldando a bandeira da libertação nacional, da derrubada da ditadura militar e da ampla união de todos os patriotas e democratas. Chegará o dia em que o nosso povo, através da guerra popular, livrará o país da crise, da ditadura e da ameaça de neocolonização e conquistará um novo Poder, popular e revolucionário.

O Partido Comunista do Brasil, que se orgulha de ser irmão de idéias e de luta do Partido do Trabalho da Albânia, formula votos de pleno êxito ao VI Congresso e deseja ardentemente que a República Popular da Albânia avance, mais e mais, na luminosa estrada que conduz ao comunismo.

Viva o VI Congresso do Partido do Trabaho da Albânia!

Viva a amizade indestrutível entre os nossos dois Partidos!

Viva a grande unidade do movimento comunista mundial, à base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário!

Rio de Janeiro, 1º de Novembro de 1971

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CONTINUA TUDO COMO DANTES...

Passados poucos meses da decretação do mar territorial, estão se realizando nas costas brasileiras as manobras da Operação Unitas XII. Como se sabe, a Unitas reúne periodicamente unidades dos Estados Unidos e Marinhas de Guerra de todos os países da América do Sul, com exceção do Paraguai e da Bolívia, que não possuem litoral. Inscrevem-se os treinamentos nos planos guerreiros do Pentágono, estando a cargo do comando norte-americano todas as manobras das quais as forças-tarefas dos países sul-americanos participam por etapas.

Terminada a primeira fase da Unitas XII, já ralizada no Oceano Pacífico, iniciou-se, no dia 8 de Outubro, a segunda etapa, no Atlântico. O Brasil incorporou-se às manobras no dia 27 dêsse mês, tendo destacado um grupo-tarefa especial composto do porta-aviões "Minas Gerais", de 7 contra-torpedeiros e 2 submarinos. Sob as ordens de oficiais ianques, belonaves dos Estados Unidos e do Brasil iniciaram os exercícios que têm como palco todo o mar territorial brasileiro.

A realização das manobras ora em andamento patenteia, mais uma vez, a contradição entre as palavras e os atos da ditadura. Mesmo quando todos estão vendo que o Brasil está sendo quase totalmente descaracterizado em sua independência, os militares não param de proclamar as excelências do decreto que estende o mar territorial. Para justificar os treinamentos conjuntos das Marinhas americana e brasileira, assinalam que "o peixe é problema do comércio". No entanto, mesmo no que se refere à questão do peixe, os Estados Unidos nunca respeitaram a soberania do Brasil sôbre seu mar. Os pesqueiros dos EUA continuam em sua faina predatória, mesmo depois do "ato soberano" da ditadura. Agora, estão chegando a um "acordo" em reuniões que se realizam entre representantes dos dois países. Mas, para as manobras da Unitas só têm validade as ordens de Washington. E por isso, os barcos ianques estão percorrendo tôda a plataforma continental, comprovando inteiramente que "no mais, continua tudo como dantes", como declarou o ministro da Marinha, Adalberto de Barros Nunes. Com a realização da Unitas XII, comprova-se que, das 200 milhas decretadas pela ditadura, só sobra a demagogia tentando iludir o povo.

NÃO HÁ MILAGRE

O dr. Delfin Netto tem tôda razão: não há nenhum milagre na economia brasileira. O que o govêrno tem feito são algumas mágicas. Delfin Netto e sua equipe de negociocratas as têm usado das mais variadas formas. Como tôdas as mágicas, não passam de tapeação. Podem enganar por certo tempo, mas não resolvem nenhum problema. São paliativos que protelam, precàriamente, a eclosão da crise. E possibilitam que, nesse meio tempo, os beneficiários da atual ditadura continuem enchendo seus cofres às custas do povo.

Se quisermos resumir numa palavra a essência das mágicas econômicas do govêrno, esta seria — endividamento. Toda a política econômico-financeira dos generais se resume em sacar contra o futuro próximo. Endividamento em três sentidos: endividamento da nação no exterior, endividamento do poder público e endividamento dos consumidores.

A dívida externa do Brasil, de 1968 a 1970, aumentou de 3 bilhões e 300 milhões de dólares para 5 bilhões e 200 milhões! Êste fato é apresentado como prova da "confiança dos círculos financeiros internacionais no desenvolvimento econômico do país". Na verdade, é a retribuição do imperialismo às facilidades criadas pelo regime militar aos investimentos estrangeiros. É indício de confiança, mas num outro sentido, num sentido político. Confia-se que os generais conseguirão impedir a ferro e fogo que as coisas mudem. Boa parte dessa dívida externa é contraída com banqueiros privados, como os Rotschild. Basta recorrer a um relatório recente do insuspeito Banco Mundial (BIRD) para se ter uma idéia da natureza altamente onerosa dêsses empréstimos. Segundo o relatório, de 1970 a 1975, o pagamento dos juros e amortizações da dívida contraída pelo Brasil até 1969, com banqueiros internacionais, representará aproximadamente o total dessa dívida. Delfin Netto costuma dizer que essa dívida externa de proporções inéditas na história de nosso país não é um mal, pois as divisas obtidas com o aumento das nossas exportações permitirão pagá-la. Considera que "exportar é a solução". Não há nada de nôvo nisto. A oligarquia brasileira nunca fez outra coisa. Exportou açúcar, exportou algodão, café, cacau. No desespero exportador, agora o govêrno estimula a exportação de minérios. Ao contrário dos produtos agrícolas, minério não dá segunda safra. E também fala muito da exportação de manufaturados. Oferece incentivos que representam verdadeiros subsídios às indústrias exportadoras. Entre estas se encontram as emprêsas estrangeiras que realizam uma espécie de divisão de trabalho entre as suas diversas filiais nos países latino-americanos. Mas, a exportação de manufaturados dessas empresas tem significado pràticamente nulo, pois a ela corresponde outro tanto de manufaturados importados, por fôrça da própria divisão de trabalho. É ilusório pensar que o Brasil poderá concorrer vantajosamente no mercado internacional, na faixa dos manufaturados, com os países altamente desenvolvidos. A teoria do "exportar é a solução" não leva em conta a tendência histórica do capitalismo no sentido da desvalorização relativa dos produtos primários no mercado mundial e a saturação dêsse mercado, na faixa dos produtos industrializados, pelos países desenvolvidos. Não leva também um dado recente: a crise econômica do capitalismo, que tem na chamada crise do dólar uma de suas manifestações iniciais. A sobretaxa de 10% imposta por Nixon aos produtos importados e que atinge nossos manufaturados, é resultado dessa crise. Prevê-se que as quantidades e os preços dos minérios também cairão no mercado mundial, em decorrência da diminuição das atividades industriais dos países desenvolvidos. Os preços do café, do cacau e de outros produtos agrícolas que o Brasil exporta, caíram violentamente em 1971. O quadro é bastante diferente do de 1970, ano em que o país vendeu relativamente bem no exterior. Delfin afirma que é preciso aumentar as exportações brasileiras a uma taxa anual de 15%, para garantir o êxito da política econômica do govêrno. Se é assim, ela já fracassou. As previsões mais otimistas consideram que o aumento, neste ano, não será maior do que 5% em relação às exportações do ano passado. E as divisas obtidas com exportações não podem se destinar só ao pagamento da dívida externa. Devem servir também para o pagamento das importações, que crescem ano a ano, e para a remessa de lucros, juros, dividendos e "royalties" das emprêsas instaladas no país, também em aumento constante.

Além das exportações, o govêrno conta com outra fonte de divisas: a realização de novos investimentos estrangeiros, esperando mais de 1 bilhão e meio de dólares anuais para manter o Produto Interno Bruto a 9% ao ano. Acontece que a tendência dos monopólios capitalistas estrangeiros, no atual grau de domínio que já possuem dos setores mais rentábeis da economia nacional, é aumentar seu contrôle no mercado interno mediante o simples reinvestimento de parte dos imensos lucros que obtêm. Utilizam-se também da própria poupança interna, através do mercado de capitais, cujo desenvolvimento foi estimulado a partir de 1964. Os dois maiores fundos de investimento são o do City Bank e o da DELTEC (Rockfeller - Moreira Sales). Finalmente, nas condições de crise mundial, o ingresso do capital estrangeiro tende a diminuir. Isto sem falar em que os investimentos estrangeiros fornecem algumas divisas, mas logo em seguida passam a reclamar novas divisas paras as remessas de lucros. Tudo isto significa que a política de esperar a salvação do exterior, na forma de

(Continua na próxima página)

Não Há Milagre (Continuação da pág. 7)

empréstimos, de investimentos e de mercado para produtos de exportação, é falsa e prejudicial. Conduz a economia nacional ao estrangulamento. Ela só serve aos grandes capitalistas estrangeiros e aos seus sócios nacionais. Para o país, a política de desvairado endividamento externo, com o qual a ditadura vem financiando o "desenvolvimento", apresenta já o seguinte dado inquietante: o débito a pagar em curto prazo — mais ou menos um ano — sobe a 1 bilhão e 700 milhões de dólares; e as reservas do Brasil em divisas estrangeiras montam a 1 bilhão e 200 milhões. O nome exato disto é bancarrota.

A dívida pública aproxima-se também de um ponto crítico. Apesar dos empréstimos no exterior e do crescimento brutal da carga tributária, cujo pêso maior recai sôbre a massa dos assalariados, o govêrno tem se visto na contingência de financiar suas despesas crescentes com a venda de títulos ao público. Os mais utilizados, as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORNT), já atingem um montante equivalente ao total do papel moeda em circulação. Essas obrigações têm prazos mais ou menos longos de resgate. Mas as emitidas em 1971 já são insuficentes para cobrir o valor de resgate das anteriormente vendidas ao público e que vencem neste ano.

O endividamento dos consumidores, principalmente através do Crédito Direto ao Consumidor, tem sido o meio utilizado para manter elevadas as vendas de automóveis e eletro-domésticos, setores industriais nas mãos dos monopólios estrangeiros. Êsse endividamento atinge sobretudo a classe média, relativamente pouco numerosa no Brasil e cujas fontes de renda, formada principalmente de salários e vencimentos, sofrem também a deterioração que atinge o salário real dos trabalhadores. Como estimulante artificial do consumo, o endividamento da classe média começa a esgotar as suas possibilidades. Isto talvez explique a crise que se esboça desde agosto na indústria automobilística.

Na verdade, o consumo popular de produtos industriais de uso corrente — têxteis, calçados, roupas feitas, entre outros — está crescendo a taxas negativas, isto é, está diminuindo. E não pode ser de outra maneira. O Censo de 1970 revelou que o custo de vida, entre 1960 e 1970, aumentou 32 vêzes; enquanto isto, o salário mínimo cresceu apenas 19 vezes. Os trabalhadores urbanos, principais consumidores da indústria tradicional de bens não duráveis (quase não se pode falar do campesinato como consumidor), estão submetidos a um violento processo de pauperização. A diminuição do seu poder aquisitivo revela-se na crise do plano habitacional do govêrno, agora, afinal, pùblicamente reconhecida.

É claro que uma política econômica baseada no endividamento generalizado, além de ser vantajosa aos banqueiros e monopólios estrangeiros, como já vimos, provoca a euforia em todos os que emprestam dinheiro. Vivemos a época áurea do capital bancário. As chamadas financeiras, que funcionam aproximadamente como bancos, vivem também seus grandes dias. Os agiotas abandonaram as promissórias e o mercado paralelo e passaram a jogar na Bolsa, que é uma forma de "emprestar" dinheiro às emprêsas, além de propiciar a especulação numa escala jamais vista no Brasil. Hoje, o setor financeiro da economia apresenta as mais elevadas taxas de lucros e se concentra em menor número de mão. Fabricar papel passou a ser a mais lucrativa das indústrias. Aqui também, o capital estrangeiro começa a dominar, atraído, como é da natureza do capital em geral e do capital estrangeiro em particular, pelas altas taxas de lucro. Nessa área surgiu toda uma camada de novos ricos, resultado de algumas especulações felizes. É a área também das grandes negociatas perfeitamente legais, santificadas no altar do novo deus todo-poderoso, o Mercado de Capitais. Juntamente com os empreiteiros de obras públicas e as emprêsas construtoras que se beneficiam do dinheiro dos trabalhadores manipulado pelo BNH, êsses parasitas do setor financeiro da economia são os primos ricos nativos da ditadura militar.

"Optamos pelo capitalismo" — disse Delfin Netto numa entrevista a uma publicação francesa. "Êle diz isto sem vergonha alguma" — acrescentou espantado o entrevistador francês, filho de uma nação onde, desde a Comuna de Paris, o capitalismo é obrigado a usar disfarces.

"Optamos pelo capitalismo" — repetiu recentemente um general, para o qual o mundo estará sempre dividido em superiores e inferiores, hierarquicamente, e onde os capitalistas são os superiores que mandam e os que trabalham são os inferiores que obedecem.

Acontece que o capitalismo do Dr. Delfin Netto e dos generais está demasiadamente cheio de mágicas estranhas. Já faltam coelhos para extrair triunfalmente de dentro dêle. Tradicionalmente, os mais hábeis mágicos nunca conseguem adivinhar o próprio futuro. É o que acontece com Delfin Netto e outros mágicos do regime. Que isto lhes salve o sono. Por enquanto!

ZOMBARIA DESCARADA

Guanabara (Do correspondente) - Os paus-mandados da ditadura nos Estados, certos de que as massas os repudiam e temerosos da revolta popular, utilizam-se de todos os meios para disfarçar, através de um pseudo-humanitarismo, sua catadura de carrascos. Tentam despertar no povo sentimentos piegas para ocultar a realidade de fome e miséria, assim como seus atos criminosos praticados principalmente contra os jovens estudantes. Com êsse propósito se aliaram, em nosso Estado, o preposto da ditadura, Chagas Freitas, e o Jornal do Brasil e instituíram o "Govêrno da Cidade Jovem".

Aproveitando a passagem do apregoado "Dia das Crianças" — 12 de outubro — a iniciativa levou 14 meninos e meninas, escolhidos em diferentes colégios do Rio a "assumirem, por um dia" o "Govêrno da Cidade". Toda a imprensa reacionária anunciou, com bastante antecedência e farto noticiário, a promoção mistificadora. Secretários do govêrno estadual e altos funcionários da burocracia compareceram às "solenidades" de posse dos "secretários-mirins" e discursaram, exaltando os predicados da juventude, seus direitos e seu futuro. Depois, colocaram-se "modestamente" a seu dispor como simples "assessores". Todos se disputavam em enaltecer "a obra histórica realizada pelo nosso presidente Médici". E o próprio Chagas Freitas, esmerando-se na demagogia, mandou ler no término do mandato do "Jovem Governador" — o garôto Afonso Celso da Silva — sua Mensagem de Congratulações, na qual, entre outras baboseiras, disse: "O aluno (...) que personificou o Governador da Cidade Jovem e, juntamente com seus colegas, viveu algumas horas ocupando simbòlicamente os mais altos cargos da administração estadual, ofereceu, não sòmente aos cariocas, mas a todos os brasileiros, o retrato fiel de um país em que os jovens constituem a esmagadora maioria".

Nas 24 horas em que o garôto Afonso Celso ocupou o cargo de "Governador", estêve em grande "atividade". Voou de helicóptero para apreciar as belezas da Cidade Maravilhosa — a Barra da Tijuca, a Vista Chinesa, o Corcovado, o Pão de Açúcar e outros pontos pitorescos. Rodou bastante no carro chapa-branca de Chagas Freitas, aprendendo que, por meio de sua sirene, tôdas as leis do trânsito podem ser violadas. Ficou deslumbrado com o espelho da sala de despachos do Palácio Guanabara, "maior que a sala de sua casa". Viu, encantado, as paredes de mármore lavrado dêsse Palácio bem como seu tapete, "do tamanho de uma piscina olímpica". Pensou "como é bom ser governador". Mas não conseguiram romper-lhe a timidez, apesar dos rapapés que lhe fizeram. É que, quando a esmola é demasiada, o menino pobre também desconfia...

À noite o garôto "Governador por um dia" voltou ao convívio de sua família. Logo ao chegar teve uma "surprêsa desagradável": encontrou seus familiares reunidos com um corretor de imóveis. Êste queria de seu pai a devolução da casa em que morava, porque há sete meses as prestações não eram pagas. Embora seu pai (aposentado) se desdobrasse diariamente trabalhando em diversos serviços e a mãe secasse os olhos fazendo crochê, tinha sido impossível atender ao pagamento das prestações. Afonso Celso lembrou que o pai chegara a anunciar a venda da casa a fim de saldar a dívida. Entrando no quarto, viu os 8 irmãos e os quatro sobrinhos dormindo no chão, por falta de camas e colchões que "o papai não pode comprar". Retornando à sala, ali permaneceu calado, acompanhando a conversa dos adultos. Olhava ora para o pai ora para a mãe, até que duas lágrimas brotaram de seus olhos. Deviam ser de ódio, pois percebera que fôra vítima de uma farsa. Servira de instrumento inconsciente de uma cruel zombaria de Chagas Freitas e do atual regime dos generais fascistas.

De agora em diante, o garôto Afonso Celso tem melhores condições de compreender o contraste entre a vida dos tubarões encastelados nos postos de govêrno e sua própria vida. Êste contraste foi revelado a todo o povo carioca através das colunas do próprio Jornal do Brasil que, dando-se conta do que isso representava para a iniciativa "Govêrno da Cidade Jovem", relatou o episódio da volta ao lar do garôto e prometeu pagar as prestações da casa para que o "Governador" não tivesse que "dormir na rua".

Mas êsse é o drama real de milhões de jovens que, como Afonso Celso, constituem a "maioria esmagadora". Todos êles sofrem os mesmos, senão piores problemas.

A demagogia de Chagas Freitas e do Jornal do Brasil durou muito pouco. O tiro lhes saiu pela culatra, transformando-se em amarga ironia. Não está tão fácil enganar com disfarces sentimentais a triste situação em que vivem a juventude e o povo. Sem dúvida, os jovens serão os futuros donos do país. Não porém participando de farsas do tipo "Governador da Cidade Jovem" ou contos da carochinha e sim através da luta de todos os patriotas e democratas, unidos pela derrubada da ditadura que oprime o povo e dêle troça descaradamente.

A UNE REALIZA SEU CONGRESSO

Em plena clandestinidade e vencendo obstáculos de tôda sorte, realizou-se há pouco o 31º Congresso da União Nacional de Estudantes. É um êxito marcante que enche de júbilo e entusiasmo todo o movimento estudantil, bem como as fôrças democráticas e populares. A ditadura militar, que pretendia reduzir os estudantes ao silêncio e à imobilidade e que institucionalizou a repressão na vida universitária, sofreu um duro golpe. Os estudantes demonstram que não se curvam aos ditames do atual regime militar fascista; permanecem firmes na luta por seus direitos e pela liberdade; e desfraldam sem mêdo a bandeira do fortalecimento da UNE e de tôdas as suas entidades representativas.

O 31º Congresso aprovou uma Mensagem dirigida a todos os estudantes do país. Nela, a UNE reafirma sua atitude de oposição sem quartel à ditadura e ao domínio do imperialismo ianque no Brasil. Deixa claro que os estudantes não se dispõem ao falso diálogo nem se impressionam com a demagogia do coronel Passarinho. Diz de sua determinação de prosseguir na luta por suas reivindicações imediatas e sobretudo contra a Reforma Universitária da ditadura. Conclama finalmente todos os estudantes a elevarem o grau de sua organização e unidade. Essa Mensagem desempenha sem dúvida importante papel na ampliação e radicalização das lutas estudantis.

Mais uma vez a UNE mostrou que é capaz de exprimir os sentimentos da imensa maioria dos estudantes, de tendencias e crenças as mais diversas, que se torna cada vez mais uma organização unitária das massas estudantis. Ao procurar expressar os interesses do conjunto dos estudantes, ela pretende contar com o apoio das grandes massas, estimular suas iniciativas e estar presente na ação de cada estudante, em cada sala de aula, faculdade, etc. Ela merece o apoio decidido e caloroso de todos os que anseiam pela democracia e a independencia nacional.

A realização vitoriosa do 31º Congresso da UNE significa nôvo estímulo a tôdas as fôrças patrióticas e populares. Comprova que é possível e indispensável, mesmo sob o tacão dos militares fascistas, realizar a luta pelos interesses das massas. Atesta que a juventude estudiosa poderá cumprir com sucesso sua missão de impulsionadora da oposição popular.

MAIS MILITARISMO — MENOS EDUCAÇÃO E SAÚDE

Novos fatos vêm desmentir as mentirosas afirmativas governamentais, partidas principalmente do ministro da Educação, Jarbas Passarinho, de que no Brasil se gasta mais com a educação do que com as Fôrças Armadas.

Segundo o último relatório do Departamento de Estado norte-americano sobre despesas com Fôrças Armadas, os gastos militares no Brasil se elevam a 651 milhões de dólares, os maiores da América Latina, 271 milhões mais do que a Argentina, que aparece em segundo lugar. Cada soldado brasileiro custa aos cofres públicos 2.893 dólares anuais. No período de 1965 a 1970, as Fôrças Armadas brasileiras aumentaram seus efetivos, totalizando atualmente 225.000 soldados. Na distribuição das verbas que os EUA atribuem aos seus aliados, ao Brasil cabe a maior dotação para a aquisição de armas, no valor de 20 milhões de dólares, e o montante da assistência militar ascenderia a 892 mil dólares. Acrescenta o informe que o Brasil, além da Argentina, Haiti, Paraguai e outros países, gasta mais com suas Fôrças Armadas do que com programas de Educação e Saúde. Note-se que não se incluem aqui as verbas concedidas às polícias civis e outros órgãos de segurança não-militares.

Estas são, sem dúvidas, fontes fidedignas!

ENTREGA DO PAÍS — ABANDONO DA POPULAÇÃO

Em Minas Gerais, o truste norte-americano "Hanna" obteve a concessão da exploração das jazidas de ferro de Águas Claras, próximas da capital, que apresentam um teor de ferro de 68% e representam o maior volume em minério de ferro do mundo (375 milhões de toneladas de hematita, laváveis a céu aberto). Exportado em sua totalidade, o minério fornecerá ao grupo monopolista ianque um lucro de mais de 4 bilhões de dólares. Em contraste, revelou-se que, naquele Estado, a tuberculose é responsável por 38% das mortes em cada grupo de 100 mil habitantes. Esta doença provoca ali um número maior de mortes que o tétano, sarampo, difteria, poliomielite, coqueluche, malária, varíola e lepra reunidos.

Em regimes onde pontificam os Médicis e Rondons Pachecos, nada mais se pode esperar do que a entrega descarada do país aos estrangeiros e o abandono total da população à sua